

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História

Elementos do Tahuantinsuyu

Natália Mares Leão

Brasília
2018

NATÁLIA MARES LEÃO

Elementos do Tahuantinsuyu

Monografia apresentada ao Curso de História da
Universidade de Brasília como requisito para
obtenção do título de licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Paulo Ferreira Noguerol.

Brasília
2018

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a minha avó Delpina de Freitas, por sempre ter mostrado amor incondicional e ter sido um exemplo de força e humildade. Dedico também ao meu pai e a minha mãe que sempre me incentivaram.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela minha vida.

Aos meus pais pelo amor e apoio incondicional durante toda a minha jornada.

A minha irmã pelo companheirismo.

Aos meus amigos, em especial, Pedro Paulo Novaes Mendonça e Fernanda Formiga da Silva por todos os anos de amizade.

Ao meu orientador Prof. Dr. Luiz Paulo Ferreira Nogueiról pela paciência, ensinamento e incentivos.

RESUMO

O Tahuantinsuyu foi formado por um vasto numero de componentes que moldaram a política, a sociedade e a religião nos Andes. Todos esse fatores passaram por modificações ao longo do tempo e estão presentes nas sociedades andinas contemporâneas. O objetivo desta monografia foi analisar o Império Inca pelo o que ele foi, ou seja, tentou-se desvendar as peças para formar uma imagem mais coesa do Tahuantinsuyu, focando em tópicos como a suas transformações sociais e religiosas no decorrer dos anos, as dificuldades enfrentadas pelos conquistadores na região, além disso focar nas metamorfoses de poder .

Palavras - chaves: Tahuantinsuyu, curacas, panacas, religião, deuses, cristianismo, espanhóis, Poder.

ABSTRACT

The Tahuantinsuyu was formed by a vast number of components that shaped the politics, society and religion; all of these factors go through modifications throughout the years. The focus of this undergraduate thesis is to analyze the Inca Empire for what he was, in other words, to try to uncover the pieces to form a more cohesive imagine of the Tahuantinsuyu, paying attention in topics such as the social and religious transformation over the years, the difficulties faced by the conquerors in the region and the metamorphoses of power.

Key - words: Tahuantinsuyu, curacas, panacas, religion, gods, Christianity, Spaniards, Power.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. O QUE FOI O TAHUANTINSUYU? ELEMENTOS DA HISTORIOGRAFIA ATUALIZADA	5
2.1. Formação do Tahuantinsuyu.....	5
2.2. A catequização na colônia	8
3. O QUE NÃO FOI O TAHUANTINSUYU? DIFICULDADES COM AS PALAVRAS.	15
3.1. Como definir o Tahuantinsuyu?	15
3.2. Tahuantinsuyu como Estado?.....	17
4. CONCLUSÃO	24
5. REFÊRENCIAS	27

1. INTRODUÇÃO

A América Latina Antiga se mostra um lugar plural com diversas diferenças regionais em vários aspectos. Apesar da dominação Inca ocupar múltiplas regiões dos Andes sua expansão é recente, data de cerca de 150 anos antes da chegada dos espanhóis e certas regiões, como a costa, viveram sob a dominação inca por um breve período de tempo.

A documentação sobre a América Antiga é encontrada de diversas formas sejam elas por escavação arqueológica, pinturas, esculturas ou contos dos séculos XV e XVI. Sem contar com uma escrita bidimensional, os andinos criaram uma escrita tridimensional, os *quipos*¹, que eram nós em cordas que documentavam a vida andina. Ainda não foi possível decifrá-los de forma integral, apenas seu sistema de contagem.

O Peru, região que tem destaque nessa pesquisa, mostra que as diversas etnias que viviam nessa região, previamente à formação do império incaico, influenciaram e foram influenciadas de forma tremenda em diversos aspectos por povos distintos e a religião é um desses componentes.

Por exemplo, o povo Moche viveu nos andes entre 100 a.C e o ano 800. Não se sabe o que levou ao seu desaparecimento, mas sua religião perdurou e atuou no território de forma notável, estando presente não só no decorrer da colonização mas nos tempos atuais também.

Os incas, que compartilham com outros povos andinos elementos da religião Moche, tinham um panteão de deuses muito vasto e sua religião também estava presente na organização da sociedade. Assim como havia vários deuses, havia também vários governantes. A representação feminina exposta no panteão é marcada na sociedade pelas panacas, que eram dominadas por mulheres.

Antes da expansão do Império Inca, é possível notar semelhanças entre os deuses cultuados pelos diferentes povos que habitavam a região, entretanto não eram adorados da

¹ Palavra em quíchua Quipo ou Khipu para “nó”

mesma forma e suas representações poderiam ser múltiplas, a depender da localidade geográfica nos Andes.

A decadência da supremacia incaica e a chegada dos europeus ao continente trouxe diversas alterações no cotidiano da região. Para os espanhóis, a instalação de uma nova fé implicaria acabar com a idolatria, instituir uma ortodoxia e a noção de um Deus que não se pode ver.

Para a conversão dos nativos foram estabelecidos os sacramentos e difundida a doutrina católica presentes na Europa, como o batismo, a confissão e até mesmo o casamento, assim como os catecismos. O número de fiéis deveria aumentar para assim fazer frente ao luteranismo que também ganhava novos adeptos no século XVI.

A transição de uma religião considerada pagã para o cristianismo não ocorreu naturalmente. Muitos obstáculos tiveram que ser ultrapassados e novos conceitos tiveram que ser introduzidos juntos aos nativos. A língua era o principal impedimento, pois não existiam palavras condizentes com o cristianismo na língua nativa.

O processo que levou à instauração de uma nova ordem, ou seja, de novos costumes, como um novo soberano e outros hábitos sociais, levou muitos anos para se concretizar. A religião sofre mudanças até os dias atuais e se deram em sua grande maioria pela introdução do cristianismo na região por meio dos espanhóis.

A região tem mostrado manifestações de poder de forma singular. A formação de paralelos com outros povos é difícil de ser feita, devido às especificidades que as outras sociedades mostram, entretanto é esse padrão que a historiografia tende a seguir ao discorrer sobre os incaicos. Outro fator distinto seria apresentar a realidade social do século XVI, nos Andes, como marcada por um Estado: o Tahuantinsuyu.

Analisando diferentes formas sobre como o poder se manifesta na sociedade é possível discorrer sobre o porquê da importância desse cuidado com a nomenclatura ao tratar do Império Inca. Como o poder atua dentro do Tahuantinsuyu?

O Tahuantinsuyu se apresenta como uma região com muitas facetas, entretanto a pesquisa especializada tende a tomar certos caminhos que não necessariamente podem descrever a região. A religião, a influência de outros povos na localidade e sua organização social são temas ainda hoje de certa forma inexplorados. Todos esses elementos combinados contribuem para uma melhor compreensão da América Antiga, do império inca e por consequência de diferentes manifestações de poder na América Latina.

O Tahuantinsuyu é um espaço plural que passou por várias transformações desde sua formação até a sua decadência com a chegada dos espanhóis. Com a formação do império, os povos conquistados, tiveram que fazer concessões e se adaptar a uma nova forma de governo.

O mesmo acontece com a chegada dos conquistadores europeus: as adaptações são feitas permitindo assim que certas partes da cultura e da religião sobrevivam, mesmo que não segundo as formas com que se expressavam. Esse hibridismo entre o cristianismo e as religiões andinas permanece até os dias atuais.

O que era o Tahuantinsuyu antes da colonização, antes do cristianismo ser instaurado nos Andes? A definição pode ser uma questão que não será respondida tão facilmente, porém é possível chegar cada vez mais perto de uma resposta. Ao analisar-se a historiografia, os incas são associados ou a uma linha que as sociedades devem seguir para chegarem ao ápice da civilização ou já são vistos como algum tipo de utopia, a qual foi perdida com a colonização.

Do mesmo modo, o império Inca pode estar associado à palavra “Estado” usado para descrevê-lo. Essas análises que descrevem o Tahuantinsuyu podem ser equivocadas e, desse modo, podem atribuir aos incas elementos que não os descrevem. Então é preciso retomar a pergunta “O que é o Tahuantinsuyu?” O que foi comumente associado a ele é correto?

Para responder a essa questão uma análise dos componentes que formam o Tahuantinsuyu deve ser realizada. Para isto, é necessário ponderar sobre a influência da religião mochica no território e, por conseguinte, identificar componentes na religião do Tahuantinsuyu e dos moches que sejam semelhantes, demonstrando a influência de outros povos no império inca. Além disso, apontar pontos de convergência entre a organização social do Tahuantinsuyu e a composição das religiões andinas.

A chegada dos espanhóis no território e as consequências desse acontecimento na área serão investigadas, além de examinar como isso afetou as religiões andinas ressaltando-se as dificuldades enfrentadas pelos colonizadores para instaurar o cristianismo na região, bem como para garantir que não retornariam a antigos hábitos.

Por fim salientar os contratempos encontrados por outros historiadores para definir termos, analisar o poder e como este se manifesta na sociedade, comparando-se os índios do Brasil e os do Peru, questionando o uso da palavra “Estado” para se referir ao Tahuantinsuyu.

Por meio de leituras e análise de fontes secundárias, paralelos podem ser traçados entre diferentes autores para compor a pesquisa e buscar chegar mais perto de uma resposta que resolva o problema inicial e assim conceber uma imagem mais detalhada do Tahuantinsuyu.

Para que isso fosse realizado esta monografia foi dividida em dois capítulos e uma conclusão, além desta introdução. O primeiro capítulo apresenta os componentes que geraram a formação do Tahuantinsuyu, assim como elementos da sua religião e sua organização social. Ademais, no mesmo capítulo indicam-se a queda do império e as dificuldades enfrentadas pelos padres para realizar a conversão dos nativos e fazê-los abandonar a idolatria.

O segundo capítulo exprime as dificuldades de definir o Tahuantinsuyu, um problema igualmente enfrentado por outros historiadores, mas não entre quem vivia nos Andes. Ademais, há um breve debate sobre o poder e suas instituições.

A conclusão expressa que às vezes não é possível chegar a uma resposta concreta para a pergunta, por meio da pesquisa, entretanto é possível analisar ângulos que ainda não são tão bem explorados pela historiografia e por fim, apresentam-se as considerações finais.

2. O QUE FOI O TAHUANTINSUYU? ELEMENTOS DA HISTORIOGRAFIA ATUALIZADA

2.1. Formação do Tahuantinsuyu.

Para melhor compreender a região dos Andes, e por consequência o Tahuantinsuyu, é necessário entender a sua cosmovisão, ou seja, o mundo como era visto e assimilado por quem o viveu. Por meio de leituras, é possível indicar como o império foi formado e como interagiu com o ambiente, revelando assim sua cultura e costumes.

O Tahuantinsuyu foi um império. Como vários outros, se formou, atingiu o seu ápice e acabou. Se tudo isso ocorreu de forma precoce, ou não, uma vez que não ultrapassou 150 anos, seria um tema para outra pesquisa, pois: “El auge Del Estado Inca arranca en los albores del siglo XV, y su desarrollo quedó trunco por la aparición de la hueste hispana” (ROSTWOROWSKI, 1988, p.25). O Tahuantinsuyu conquistou várias localidades, onde funcionava um tipo de reciprocidade assimétrica, na qual esses povos deveriam trabalhar para Cusco e em troca receberiam algum tipo de gratificação. “La reciprocidade era un sistema organizativo socioeconómico que regulaba las prestaciones de servicios a diversos niveles y servía de engranaje en la producción y distribución de bienes.” (ROSTWOROWSKI, 1999, p.68).

O desenvolvimento do Tahuantinsuyu se deu em grande parte por meio de conflitos com outros povos na região, sendo que em alguns casos a conquista se fez por meio de acordos, sem a necessidade de guerras.

O território dos Andes foi influenciado por diversos povos, os Moches tem um destaque e, é relevante sua atuação no império, devido ao fato de que a religião do Tahuantinsuyu foi em grande parte influenciada pela crença mochica. É preciso analisar a religião, pois a organização política e social no território inca é influenciada pela devoção local.

A iconografia mochica é de extrema importância para a compreensão do Tahuantinsuyu. As pinturas e esculturas são essenciais para entender o modo de vida. Fica evidente que os mochicas conheciam muito bem não apenas os arredores do atual litoral norte

do Peru, onde se concentram os principais sítios arqueológicos, mas também, diferentes regiões dos Andes e da Amazônia como evidenciado por Golte: “Los mochica conocían de manera muy precisa su entorno natural, y parecen haber tenido un conocimiento del mundo más allá de sus territorios en los Andes Centrales y la Amazonía adyacente.”(GOLTE, 2009, p.138).

Os andinos do século XVI cultuavam o que era próximo a eles, assim como os Mochicas do século VIII: o sol, Deus *Inti*, *Chuqui Illa* o Deus do Trovão, *Viracocha*, o Deus oceano e a lua, uma divindade feminina. Regularmente é possível observar também deuses como criaturas marinhas e aves, sendo notável que essas nunca eram representadas sozinhas, estando sempre acompanhadas por deuses auxiliares.

As divindades podem ter Deuses intermediários entre elas, porém esse parece ser o caso das Divindades Maiores que aparentam ter uma grande quantidade de ajudantes e servidores, como é o caso das divindades noturnas e diurnas masculinas. A divindade diurna é representada com raios e carregada por aves diurnas “Hay una divinidad diurna del mundo de arriba, que aparece como un ser con rayos transportado en un anda cargado por aves diurnas” (GOLTE, 2009, p.171).

O deus Noturno é representado pela Via Láctea “Igualmente, hay una divinidad nocturna del mundo de arriba, que por lo menos en la época húmeda es representada por la Vía Láctea o como divinidad cargadora de la Vía Láctea” (GOLTE, 2009, p.171). As divindades intermediárias que acompanham os deuses respectivamente são uma águia e o Deus *Búho*.

Há evidentes ligações entre as expressões religiosas andinas e a estrutura política local. Por exemplo, os deuses possuem identidades feminina e masculina, e isso marca o cotidiano na região, sendo a vida expressão da união/luta/encontro² de opostos. Semelhantemente, as comunidades andinas são frequentemente divididas em duas partes, cada qual possuindo um chefe (*kuraka*) específico e a vida comunitária muitas vezes depende dos esforços empreendidos por cada uma das partes para o bem comum.

² O verbo *tinkuy*, em quéchuá, expressa ao mesmo tempo, a depender do contexto, os verbos unir, lutar e encontrar, entre outros.

A dualidade expressa no âmbito político comunitário e nas relações com as divindades está sempre presente nos Andes. A religião faz parte do cotidiano, se encontra em vários momentos no dia a dia andino e é difícil separar Religião de Política e ambas das tarefas cotidianas. A duplicidade está evidente inclusive nos nomes de família, os meninos recebiam o sobrenome do pai e as meninas o da mãe, o masculino e o feminino diferentes.

A vida nos Andes é possível apenas com o homem e a mulher, pela união dos dois, apesar de serem distintos “Hay una mujer y un hombre, son diversos, pero tienen que entrar en una conjunción, en un encuentro (tinku), para reproducirse.” (GOLTE, 2009, p.143). O mesmo acontece com a água e com a terra: ambos se unem e então produzem vida, como pela reprodução da vida silvestre, assim como pela agricultura e pelo pastoreio.

Essa diferença, entre masculino e feminino atribuída aos elementos da natureza fica evidente ao analisar que a superfície terrestre se associa com o masculino, ou seja, o sol, enquanto, o Oceano Pacífico representa o Oeste e é associado à figura feminina. É curioso ressaltar que há representações de personagens femininas entre os deuses. As mulheres andinas possuíam papéis diferentes das mulheres na Europa. Da união do *inka* com diferentes mulheres formava-se uma *Panaca*, as quais eram as famílias nobres de onde saíam os futuros soberanos do Tahuamtinsuyu. Além disso, poderiam ser donas de terras e eram figuras centrais nas disputas por poder, assumindo papel de liderança.

De acuerdo con la información de los cronistas, una panaca se formaba con los descendientes de ambos sexos de un Inca reinante, y excluía al que asumía el poder. Según las mismas fuentes, la panaca tenía por obligación conservar la momia del soberano fallecido y guardar el recuerdo de vida y hazañas a través de cantares, quipu y pinturas que se transmitían de generación en generación. En un pueblo ágrafo era sumamente importante tener organizado el mantenimiento de la tradición. (ROSTWOROWSKI, 1988, p.42)

O poder não era necessariamente passado para o filho mais velho, como na Europa. Era sempre passado para aqueles que eram considerados mais competentes. Dessa forma poderiam assumir irmãos, sobrinhos ou os filhos. O mais apoiado para o cargo era selecionado pelo governante, teria a aprovação de outras autoridades e assim se tornaria o próximo curaca.

Para a escolha de um novo curaca havia grandes pressões das panacas, que são as famílias que compõem as elites indígenas. O poder nos Andes poderia ser dividido entre vários curacas regionais, que auxiliariam na organização das diversas regiões que o Império Inca possuía.

As regras na localidade são influenciadas pela forma de adoração que tem no povo Moche um exemplo. Os ritos e o panteão são muito similares para ser apenas mera coincidência, mostrando assim que apesar de terem desaparecido, certos costumes perduram no decorrer do tempo e formam as regras que estão implícitas na sociedade.

2.2. A catequização na colônia

A chegada dos Espanhóis é uma surpresa para os incas. O rápido ataque e expansão não deixa tempo de reação, para os povos dominados pelo Tahuantinsuyu³. Ocorria uma guerra civil após a morte prematura do inca Huayna Cápac e de seu filho Ninan Cuyuchi que o deveria suceder. Ambos morreram de doenças trazidas para o continente pelos europeus. Huascar e seu meio irmão Atahualpa batalharam pelo trono, o que contribuiu para uma grande instabilidade local, deixando o Tahuantinsuyu mais vulnerável à conquistada espanhola.

Em certas regiões os novos conquistadores foram vistos como uma oportunidade de reaver a independência, perdida na expansão inca. Havia uma insatisfação generalizada contra o sistema que vigorava no Tahuantinsuyu, a mita, um sistema de trabalho cíclico, se tornou insuficiente para as populações que ali habitavam. Uma crise começava a surgir na região devido ao crescimento do território dominado, a produção de alimentos poderia se tornar escassa, pelas demandas impostas por Cusco em um curto período de tempo.

Os conquistadores também contavam com uma superioridade em questões armamentistas. Apesar dos andinos conhecerem a manipulação dos metais, não produziam aço e não fabricavam armas com metal, ao contrário do inimigo que mostrava uma superioridade tecnológica nessa questão.

³ “Significa as “quatro regiões unidas entre si” que manifesta uma tentativa ou impulso de fazer a integração” (ROSTWOROWSKI, María. História Del Tahuantinsuyu, 1999)

Os espanhóis conseguiram ajuda de certos povos, o que foi posteriormente recompensado. Entretanto, a independência não foi alcançada, mas apenas um novo imperador para quem ofertar riquezas. Em seguida, a conversão dessas etnias ao catolicismo se tornou também uma prioridade.

Os povos ali encontrados deveriam ser catequizados e abandonar a idolatria, para que as suas almas fossem salvas. Essa e outras mudanças foram impostas pelos conquistadores, mas foi mantida a submissão dos andinos: os que antes se encontravam sob o domínio Inca agora estariam sob controle espanhol. A mudança que isso implicaria, entre outras, seria que as riquezas antes oferecidas para os incas agora seriam para o rei da Espanha.

Em 1551 houve o primeiro Concelho de Lima. Pierre Duviols expõe o que foi decidido e quais os meios para realizar a conversão desses povos

Las constituciones del Concilio que, en parte, retoman, desarrollan y, a veces, modifican el texto de la *Instrucción* de 1545 la materia en el orden siguiente: 1) construcción de la iglesia, culto, administración de los sacramentos; 2) destrucción de la idolatría. (DUVIOLS, 1977, P. 98)

Durante esse período, a idolatria se tornou o maior obstáculo para a fé, ainda que para os católicos a adoração de imagens não fosse considerada idolatria dentro da própria religião. Para que esse obstáculo fosse contornado, houve a destruição de vários templos e estátuas. Certas medidas foram tomadas para que os índios não ficassem escandalizados. Contudo, isso não impediu a continuidade dos cultos pré-colombianos, já que para várias culturas andinas não é necessária a imagem para que se realize a adoração.

Os povos também acharam meios de impedir a destruição desses locais, muitos levavam os espanhóis para lugares sem importância religiosa, indicavam o lugar equivocado dos templos e até mesmo se recusavam a revelá-los.

As imagens sacras europeias foram abundantemente usadas para auxiliar a conversão dessas etnias indígenas na América. O uso aumentou de forma considerável após a reforma protestante. Fica evidente que a questão então era cultuar os ídolos corretos. Os católicos achavam meios para justificar a fabricação de imagens.

De forma alguma; mesmo que [para] este mandamento, você não construa para si alguma escultura, releve-se, logo a causa, por adorá-la, isto é, segundo o costume dos Gentis, porque eles fabricam as figuras dos falsos Deuses & de forma ímpia adoram seus ídolos; mas nós, segundo a pia usança adquirida pelos nossos maiores & antigos padres honramos CRISTO nas imagens, & os santos os quais essas imagens representam (AGNOLIN, 2007, p.159)

Não poderiam ser convertidos por medo, porque não era eficaz e não garantia a salvação. A falta de identificação com padrões da cultura europeia e com a religião cristã dificultaram a catequização. Em primeira parte pelo fato de que para os andinos não havia o conceito de alma, logo também não havia a compreensão sobre a vida após a morte, assim como estava ausente a ideia de um paraíso. Também não havia uma ortodoxia religiosa andina claramente estabelecida e contra qual argumentar, ao contrário dos católicos.

Santo Agostinho acreditava que Deus se apresentava de alguma forma para todos os povos, ou seja, todos os povos tinham conhecimento sobre Ele. Esse pensamento foi altamente difundido na Europa e foi empregado para a conversão dos andinos.

Se Deus existe e se mostra para todos os povos, então como ele se manifestou nos Andes? Certos deuses existentes no panteão andino foram compreendidos assim pelos missionários como a representação Dele. Esse foi o caso de *Wiracocha*. Como apontado pela obra de César Itier, *Wiracocha*, não era a representação de Deus, pelo contrário ele era apenas um componente do complexo sistema de crenças do Tahuantinsuyu, não governando assim solitariamente todos os deuses e bens nem sendo criador da vida. O produto desta confusão, ainda que *Wiracocha* tenha sido substituído por *Pachacamac* antes de terminado o século XVI, perdurou por vários anos e foi até mesmo absorvido pela cultura andina que começou a se referir a *Wiracocha* como Deus.

A dificuldade de catequizar esse povos vinha em grande parte pelas barreiras linguísticas entre os nativos e os padres. Além disso, como saber se houve uma conversão verdadeira entre essas pessoas, ou seja, como pressupor que os andinos teriam fé em Deus? Estas foram dúvidas frequentes que rondavam a missão de conversão para o cristianismo. Entretanto, para Agnolin, não é necessariamente a fé que faz a religião e sim o inverso:

Ponto de partida para uma interpretação crítica é o fato de que não é uma fé que faz a religião, mas é, eventualmente, uma religião que faz (constrói, inventa mesmo) a

fé; tal eventualidade encontra-se no Cristianismo, enquanto religião, que inclui a fé nos próprios atos institucionais. (AGNOLIN, 2007, p. 245)

Para catequizar através da língua local, os padres tentaram aprender o idioma da região, o *quíchua* ou *quechua*, entretanto como introduzir uma nova religião por meio de uma linguagem que não tem as palavras para termos cristãos. Para isso, os missionários se apropriaram de vocábulos já existentes e deram um novo significado a estes. Houve inclusive a criação de novas palavras. Essas mudanças foram posteriormente assimiladas pela cultura andina e muitos elementos do cristianismo se tornaram nela corriqueiros.

Entre outras mudanças era preciso que o vocabulário local também fosse modificado para haver a introdução de palavras como pecado e diabo, para que dessa forma essas ideias ficassem no imaginário da população.

Diversos meios foram implementados pela coroa espanhola para a conversão desses povos. A catequese, o batismo e a confissão são apenas alguns exemplos. A confissão foi uma resposta da igreja católica ao Luteranismo, fundamental para a época, pois era necessário para resolver o problema da justificação do pecador.

O Batismo e a confissão se tornaram as ferramentas mais importantes dos conquistadores para a conversão. O batismo era visto como o momento mais importante da salvação “[...] em relação ao batismo o que importava era conseguir fazer dele a representação mais significativa da “tábua da salvação”, isto é, o momento fundante da (nova) identidade cristã (católica)”. (AGNOLIN, 2007, p. 311).

A confissão, devido ao Luteranismo, foi um sacramento reforçado pela igreja durante a contra-reforma, e na colônia tinha como objetivo analisar dois pontos:

A Confissão também podia ser utilizada como bem demonstrou Prospero enquanto instrumento de controle social: o sacramento permitia, ao mesmo tempo, verificar os pecados mais recorrentes, averiguar o processo de cristianização e intervir pontualmente com regras corretivas. (AGNOLIN, 2007, p. 379)

A instalação de escolas para os filhos da elite indígena na região foi comum. Dessa forma, por meio da educação católica era possível introduzir o pensamento cristão com maior facilidade.

As medidas tomadas pela corte para a conversão dos andinos ficam evidentes no trecho do El Parecer de Ávila, de 1616, como evidenciando por Duviols:

Ávila propone que se adopten las siguientes medidas: 1)intensificar la predicación y mejorar su calidad; 2) luchar contra la ebriedad, que favorece el retorno a la idolatría; 3) suprimir los antiguos pueblos no afectados por la reducciones, ya que los indios volvían allí a practicar sus ritos; 4) aislar a los “maestros de la idolatría”; 5) obligar a los curas a saber la lengua de los indígenas; 6) abrir cinco o seis colegios para los hijos de los caciques; 7) castigar severamente a los idólatras reincidentes (DUVIOLS, 1977, p. 191).

A ignorância e falta de conhecido da palavra de Deus foi algo atribuído ao Tahuantinsuyu por um longo período. Para Las Casas, os índios eram enganados pelo demônio, pois Deus não se apresentava, ou seja, pela falta de Deus adoravam-se outros deuses considerados falsos. Para que Ele fosse cultuado era necessário que a palavra Dele chegasse ao continente .

O seu argumento era o de que de certa forma, a adoração no Tahuantinsuyu era melhor do que a feita pelos europeus, pois os índios estavam dispostos a sacrificar até mesmo a vida humana, que era o que se havia de mais valioso “Las Casas se esfuerza en mostrar la superioridad de la idolatría de los americanos sobre la de los gentiles del Viejo Mundo” (DUVIOLS,1977, p. 20).

O Inca Garcilaso de la Vega, foi um escritor que nasceu no Peru no ano de 1539 e morreu em Córdoba na Espanha em 1616. Ao escrever o livro “Los Comentarios Reales” ele exprime o pensamento exatamente oposto. A idolatria, mostra o modo de vida bárbaro desses povos, adoravam o que viam, o pensamento era apenas superficial. “Garcilasco al establecer una relación constante entre nivel de civilización y nivel de idolatría, define a primeira época (“primeira edad de la idolatría”) como la de la barbarie de costumbres los cultos también eran bárbaros” (DUVIOLS,1997, p.21).

O Tahuantinsuyu ajudou a missão católica de certo modo, pois através do deus Pachacamac que era conhecido como o criador da Terra e também associado aos terremotos,

possibilitou-se a associação de um deus criador e não apenas isso mas também um culto a um deus invisível, pois era um deus que não se associava com o que era próximo ou visível.

Os autores compartilham diferentes opiniões em momentos distintos na colonização espanhola, entretanto são questionamentos que circundam a introdução de uma nova religião. É interessante notar como a religião estava fortemente interligada com as formas de exercício do poder nos Andes. A conversão leva à institucionalização e aceitação de uma nova forma de governo modificando assim a anterior, ou seja, um jeito inédito de se exercer a política.

O Tahuantinsuyu mostra-se um lugar complexo em diversos aspectos, em suas práticas religiosas, sua forma de governo, seu desenvolvimento tecnológico entre outros muitos temas. Apesar do fim do império, vários fatores permanecem na cultura peruana e são presentes no cotidiano até os dias atuais.

Antes da formação do império, os moches, por meio de imagens e de esculturas transmitiram muito do que forma as religiões andinas. A organização da sociedade inca está muito ligada aos ritos e ao panteão andino. Com as mudanças ocorridas com a colonização do território, ajustes foram feitos para que ocorresse a adaptação das pessoas à nova situação de súditos do rei da Espanha.

As religiões andinas absorveram aspectos conhecidos pelo cristianismo e formaram algo novo e único. As metamorfoses sofridas ao longo tempo por essa complexa religião também produziu as sociedades que se estruturam em torno delas.

Agnolin fala sobre um hibridismo que se encaixa no que a região se tornou, principalmente quando se trata do tópico religião, como se as adaptações fizessem parte de um jogo interno da sociedade.

Nessa concepção peculiar, de uma “política barroca”, vale a pena levar em consideração o fato de que um aspecto fundamental dessa cultura da primeira Idade Moderna era constituído pela elaboração de códigos de comportamento. Como bem apontou a obra de Norbert Elias, o âmbito e a extensão dos deveres do indivíduo em relação a sociedade colocavam em evidência uma nova noção da personalidade que insistia na capacidade de adaptação e flexibilidade em relação aos outros indivíduos. Nessa perspectiva, quem não pratica essas regras era classificado como um “camponês” (rude) ou como um “selvagem.”(AGNOLIN, 2007, p.226).

O Tahuantinsuyu pode ter chegado ao seu fim como era conhecido previamente, porém ainda influencia de forma considerável o Peru, pois até hoje a nação tem problemas para a formação do Estado. Essa situação pode estar diretamente relacionada ao fato de que as etnias andinas sempre buscaram sua independência, nunca a união do território.

A região dos Andes organiza seu poder de forma a ligar-se à religião, logo a conversão ao catolicismo contribuiu para que a forma de poder fosse remanejada com uma configuração diferente, ou seja, a conversão não foi apenas para salvar almas, mas também para criar uma nova dinâmica em relação ao Poder estabelecido pelos conquistadores, que muito faziam em nome do rei da Espanha. Entretanto há um período de adaptação das religiões andinas ao cenário inédito no qual foi inserida.

Analisar a estrutura religiosa e compará-la com a estrutura de poder vigente é recorrente em diversos trabalhos. As semelhanças entre os Moche e o Tahuantinsuyu e até mesmo com outras sociedades podem contribuir para analisar como essas estruturas são formadas e atuam nas camadas de poder dessas populações.

Para compreender de melhor forma o Tahuantinsuyu, é preciso explorar suas estruturas de poder e como elas se manifestam nos Andes. O poder aparenta estar diretamente relacionado com o modo como sua religião é organizada, entretanto as expressões deste vão além dos cultos realizados nos Andes.

3. O QUE NÃO FOI O TAHUANTINSUYU? DIFICULDADES COM AS PALAVRAS.

3.1. Como definir o Tahuantinsuyu?

Uma tarefa complicada a ser realizada, pois como é possível definir algo tão diferente e sobre o qual há tão pouca compreensão? Tal tarefa já foi enfrentada por muitos historiadores como, por exemplo, Paul Veyne que em seu livro *Pão e Circo* encontra muitas dificuldades para definir e classificar um fenômeno social para o qual não havia um termo na Antiguidade e, em razão disto, o historiador francês cunhou o termo *evergetismo*, uma palavra do grego moderno.

Tomando os argumentos de Veyne como base, é possível então tentar descrever algo antigo como o *evergetismo*, por exemplo, usando palavras mais atuais devido à falta de outros termos para explicar certos fenômenos. Além do mais a comparação do *evergetismo* com outros sistemas bem analisados e definidos como a caridade e o *mecenato* é um recurso usado pelo autor mencionado.

A análise do *evergetismo* se faz não somente indicando as semelhanças com outros fenômenos, mas também por meio das diferenças, as quais servem para indicar o que ele não é “O *evergetismo* não é redistribuição social, compensação política consequência das rivalidades políticas ou sociais, mas contra-afeto de uma dinâmica de grupo para funções politicamente não decisivas.” (VEYNE, 2015, p. 266).

Veyne explica que apesar das similaridades entre o *evergetismo*, caridade e o *mecenato*. O *evergetismo* grego e romano são distintos um do outro. Em sua obra ele declara que o *evergetismo* é a combinação das liberdades privadas a favor do público, além disso é importante ressaltar que o *evergetismo* é uma atividade conjunta. Devido a uma pressão social sofrida pela privilegiada da população para realizar atos ostentatórios que faziam parte do código social dos mais afortunados.

O equilíbrio deve ser atingidos quando se tem o papel de *evérgeta*, devido ao fato de que é preciso deixar parte da fortuna para os futuros herdeiros, caso estes desejem se tornar

evergetas também. Uma pessoa com muito poder aquisitivo que não está disposta a doar tende a ficar rotulada como orgulhosa e é desprezada socialmente.

Não apenas ele busca a definição de evergetismo como também faz críticas à forma como o “Pão e Circo” eram analisadas anteriormente, pelos historiadores modernos. Ao argumentar que o circo não despolitizava a plebe: “O governo não concedia o circo para despolitizá-lo, mas com certeza, teria sido politizado caso o governo tivesse recusado o circo.”(VEYNE, 2015, p. 92). Dessa forma é possível perceber que o poder político que essas pessoas detinham era tal que reivindicavam o circo.

Para Pierre Clastres, o evolucionismo continua presente ao analisar antigas civilizações “Por trás das formulações modernas, o velho evolucionismo mantém-se, de facto, intacto.” (CLASTRES, 1979, p. 184), ou seja, ainda se pesquisam esses povos esperando um evolucionismo, que atinja-se o ápice da civilização que seria o Estado. Ademais, a comparação com outras civilizações antigas como as dos romanos e dos gregos ainda se faz presente ao analisar os casos da América Latina, seja com os índios no Brasil ou os Incas no Peru. O próprio Inca Garcilaso de la Vega comparou o Império Inca ao Romano apontando que a Providência teria feito uso de ambos para uma posterior introdução do cristianismo.

Segundo Clastres:

Já nos apercebemos de que, quase sempre, as sociedades arcaicas são determinadas na negativa, sob as marcas da carência: sociedades sem Estado, sociedades sem escrita, sociedade sem história. É da mesma ordem a determinação destas sociedades no plano econômico: sociedades de economia de subsistência. Se com isso queremos significar que as sociedades primitivas ignoram a economia de mercado onde se escoam os excedentes produzidos, nada dizemos estreitamente contentamos-nos com mais uma carência, e sempre por referência ao nosso próprio mundo: essas sociedades que existem sem Estado, sem escrita, sem história, existem igualmente sem mercado. (CLASTRES, 1979, p. 184).

Essas premissas carregam grande parte das pesquisas feitas sobre o tema além de estarem também no senso comum, o que dificulta a pesquisa na área. Porém como é possível

comparar povos tão distintos e em localidades tão diferentes? Suas técnicas e meios de sobrevivência são opostos assim como seus costumes. Clastres afirma que “Não há pois hierarquia no campo da técnica, não há portanto tecnologia superior e nem inferior; não se pode medir um equipamento tecnológico senão em função da sua capacidade de satisfazer, num dado meio, as necessidades da sociedade.” (CLASTRES, 1979, p. 185). Não podendo haver hierarquia para comparar meramente o equipamento tecnológico, como é possível então nivelar o Tahuantinsuyu a outros povos?

Um outro fator a ser analisado ao abordar os incas seria a elevação destes a Estado, a própria Rostworowski intitula o Tahuantinsuyu como “El estado inca”, como se dessa forma houvesse uma legitimação desse povo, os distanciando assim de povos sem escrita e sem história, pois como um Estado pode existir sem história? Entretanto seria essa nomenclatura correta para definir os incaicos, e se eles são um Estado, outros povos da época também compartilhariam esse título?

O poder pode estar além do Estado, não sendo a única forma por meio da qual ele se manifesta. Adentremos mais nesse tema ao analisar se o império Inca pode ser realmente chamado de Estado.

3.2. Tahuantinsuyu como Estado?

As pesquisas sobre o império inca apontam varias fusões entre o modo de governar e a religião. A existência de vários deuses conflui com a existência de vários curacas, as figuras femininas em proeminência se assemelham à liderança das panacas, que é feita por mulheres, entre outros fatores.

O que se sabe é que ao império inca se atribuem valores muitas vezes ocidentais que não necessariamente o caracterizam de forma correta. A nomenclatura Estado não legitima o poder, afinal de contas o poder pode se expressar de várias formas, ou seja, tendo a presença ou não do Estado.

Sabe-se que essa nomenclatura foi atribuída ao império inca no século XX. Max Weber expressa que o Estado é o máximo da racionalidade. Os incaicos são vistos como um

povo racional e civilizado e por esse motivo, o seu vasto domínio é classificado como Estado por uma parte da historiografia especializada.

Michel Foucault expressa que o poder está espalhado na sociedade manifestando-se em várias camadas, tanto nas mais altas quanto nas mais baixas, ou seja, os grupos moldam a sociedade em que se vive. “O interessante da análise é justamente sugerir que os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social” (FOUCAULT, 2017, p.17). Foucault inverte a ideia que o poder está no Estado, mas esse se encontra na verdade nas pessoas e as transformações que ocorrem são em decorrência destas e não do Estado somente.

Em suas análises sobre o tema, Foucault não expressa uma teoria geral sobre o poder, ou seja, ele não procura definir o poder como algo universal, uma forma que seja expressada da mesma forma em todos os cenários. “Não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas em constante transformação.”(FOUCAULT, 2017, p.12). Sua forma de estudar esse objeto trouxe novos ângulos para o tema que podem ser aplicados para uma melhor compreensão do Tahuantinsuyu.

O poder não se passa somente na esfera da violência e do direito. Não que o Estado não possa utilizar seu poder de forma opressiva, entretanto, esse talvez não seja onde se encontra a fundamental ideia ao explorar esse tema. Pode ser que esteja justamente naquilo que não é explicitamente proibido, mas sim nas coisas que são permitidas por ele.

Apesar das diferentes formas pelas quais o poder se manifesta em diversos lugares e culturas, vale a pena ressaltar o como e porque em certos momentos ele se modifica, assim como ele se modifica e se mantém no Tahuantinsuyu. “O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (FOUCAULT, 2017, p. 45).

Microfísica inverte a ideia que o poder está no Estado mas sim nas pessoas, a obra ressalta que este se encontra na sociedade e quando ela sofre transformações, a forma como ele é expressado também pode ser modificada. O poder concreto é aquele que se encontra nas

pessoas e que elas estão dispostas a ceder para a criação de um poder político, ainda que inconscientemente.

Para os habitantes andinos, a formação do Tahuantinsuyu gerou grandes mudanças no cotidiano. Apesar das familiaridades entre os povos, as suas particularidades não podem ser negadas nem, é claro, a independência que cada povo tinha para tomar decisões que fossem melhores para aquelas sociedades.

Com a submissão do local ao Império, acordos foram feitos que permitiam que Cusco saísse ganhando nos acordos, mas também se resguardavam parte de certas autonomias por parte dos outros grupos. Claramente houve uma mudança, o que levou à adaptação desses povos a uma nova forma de governo e também de poder.

Ao dizer que o poder não está necessariamente acoplado ao Estado, logo é possível inferir que há sociedades que não são organizadas em Estados e que por consequência expressam seu poder de forma diferente. Entramos assim nos argumentos de Clastres, que analisa uma sociedade que não tem a formação de um Estado.

Clastres analisa, por meio da antropologia política, os índios do Brasil mostrando assim diferentes formas de manifestação de poder em seu livro A sociedade Contra o Estado. Para Max Weber, o poder e a violência estão sempre interligados “pois partem dum mesmo princípio: a verdade e o ser do poder consistem na violência e não se pode pensar no poder sem o seu predicado, a violência.” (CLASTRES, 1979, p. 9).

O poder se impõe através da violência, sem violência não há obediência e, por consequência não há poder. Porém, para Clastres, esse argumento não pode ser aplicado de forma ampla, afinal as sociedades indígenas do Brasil apresentam chefes que são isentos de poder, “onde o político se determina como campo fora de toda a violência, fora de toda a subordinação hierárquica, onde, numa palavra, não se processa nenhuma relação de comando-obediência” (CLASTRES, 1979, p. 10).

A sociedade não deveria ser dividida entre aquelas que tem ou não poder, mas sim entre aquelas com poder coercivo e aquelas com poder não coercivo “Não se pode repartir as sociedades em dois grupos: sociedades de poder e sociedades sem poder.” (CLASTRES,

1979, p. 20). O poder político é a coerção, mas esse não é necessariamente o modelo a ser seguido, pelo contrário pode muito bem ser a exceção, pois onde não se tem uma instituição política pode haver poder.

A falha, de acordo com Clastres, é analisar todos os povos como se seguissem uma linha evolutiva, por isso seu interesse pelos índios no Brasil é justificado porque se todos seguem a mesma linha, o que explica essas exceções.

Ao analisar os índios no Brasil, esses se encontram em constante sabotagem do Estado, pois os a figura do chefe não apresenta regalias. Pelo contrário, é justamente a pessoa da tribo que mais sofre. O chefe tem mais deveres do que o restante de seu grupo, logo se não há alimento suficiente para todos os integrantes, será o chefe que passará fome antes dos demais; se ele deixa de cumprir uma tarefa será severamente cobrado sobre isso e o próprio não pode declarar guerra a uma tribo rival se todo o seu grupo não estiver de acordo.

Quais são as obrigações de um chefe indígena no Brasil ? E como alguém pode ser escolhido para esse cargo?

1. ' - O chefe é um «fazedor de paz»; é a instancia moderadora do grupo, tal como o atesta a divisão frequente de poder em civil e militar.
- 2.' - Tem de ser generoso com os seus bens, e não pode permitir-se, sob pena de se desautorizar, repelir os incessantes pedidos dos seus «administrados».
- 3.' - Apenas um bom orador pode aceder à chefia (CLASTRES, 1979, p. 27).

Devido às obrigações que o chefe deve assumir para melhor cuidar de sua tribo, não há disputas para assumir essa posição, pois os índios têm plena consciência da importância dessa função e como o chefe tende a sofrer mais para cuidar de sua tribo, pode-se dizer que não há uma competição para assumir essa posição.

O oposto acontece no Tahuantinsuyu, como expressado em páginas anteriores. As disputas internas para assumir o comando da região eram feitas pelas panacas que queriam que sua família fosse a próxima a ter um inca. Entretanto essas disputas políticas entre famílias não são necessariamente o que classificariam essa região como Estado, afinal de contas são raros os momentos de paz, principalmente quando se fala em trocas de poderes.

Os índios do Brasil estão em busca de constante equilíbrio, o poder está espalhado entre os membros da tribo. Há necessidade de um chefe porém esse não pode exceder o que se espera de um. Nem ser negligente com a sua função. A falta de Estado também não torna as sociedades indígenas perfeitas, essas lidam com guerras, falta de alimentos e é claro com os conquistadores. Os índios não são vistos como civilizados pelos europeus pois sua sociedade não é assimilada como algo bom e avançado, são vistos como um povo que está longe de alcançar a civilização.

O Tahuantinsuyu é visto como algo civilizado, por vários motivos: primeiramente devido a seu avanço tecnológico em algumas áreas como agricultura, astronomia, engenharia, matemática e arquitetura. Os povos andinos sempre mostraram muito conhecimento, quando se trata de dominação do espaço em que se vive. A organização de suas cidades e os desenvolvimentos tecnológicos para aperfeiçoar a agricultura os colocam no padrão de civilização, junto com outros povos como os Egípcios.

Pode-se afirmar que o império se preocupava com o *Welfare State*⁴. Veyne usa a mesma expressão para explicar o motivo da distribuição gratuita de trigo no Império Romano para a população, em sua obra *Pão e Circo*. Não havia miséria ou fome dentro dessa sociedade, porém as comunidades da região são conhecidas pela distribuição de alimentos bem antes da formação do império, em um sistema conhecido como Arquipélagos Verticais, o qual demandava que os alimentos produzidos por toda a extensão territorial, em diferentes ninchos ecológicos, deveriam ser compartilhados por toda a região.

A conquista desses povos pelo império inca resulta em uma transformação que faz com que essa relação se torne desigual, sendo assim chamada de Reciprocidade Assimétrica. Essa consiste em um regime de trabalho, no qual os povos conquistados realizam trabalhos cíclicos para Cusco e recebem em troca alguma forma de regalia.

Esse acordo no entanto não satisfazia os povos conquistados já que favorecia a Cusco e aos conquistadores mais do que aos seus conquistados, evidenciando assim falta de equilíbrio na região.

O Tahuantinsuyu era um lugar bem integrado tendo-se assim noção dos muitos produtos que eram feitos na região sob a responsabilidade dos Curacas e de outras pessoas que

⁴ Estado de bem-estar social

ajudavam na administração do território. O conhecimento sobre os seus habitantes e sobre o que era produzido em cada local se assemelha à organização de um Estado atual, porém no século XVI é difícil afirmar que isso fazia parte de um cotidiano europeu ou até mesmo que as nações européias eram estados organizados.

A figura de um curaca se aproxima à de um monarca europeu, entretanto seria possível classificar tal localidade como Estado? Há muito tempo existia uma elite indígena nos Andes, essa por sua vez lutou para ser reconhecida pelos espanhóis para que assim pudessem manter certas regalias que detinha por serem uma classe abastada no meio indígena.

Isso no entanto difere dos índios do Brasil que não detinham uma elite. O chefe não tem regalias e sim mais funções a serem cumpridas, os índios de Brasil têm uma outra concepção de vida e de poder. Seria essa elite indígena andina, reconhecida posteriormente no século XX, que classificaria o Tahuantinsuyu como algo moderno a ponto de se tornar um Estado?

No século XVI os europeus já se consideravam um povo civilizado e moderno, nem mesmo os gregos e romanos estariam no mesmo patamar. Com essa realidade já inserida no imaginário europeu e tomada como critério para compreender a história antiga de outros povos não europeus, houve quem a transpusesse para essa região, transformando assim em nações as formações políticas andinas.

Os índios do Brasil foram erroneamente classificados como primitivos, ou seja, não civilizados, como um elo perdido na caminhada da humanidade para a civilização. Porém ao classificar antigos povos como estados legitima-se a busca por melhor compreensão das formações andinas.

As sociedades primitivas são sociedades sem Estado: este juízo de facto, em si próprio exacto, dissimula na verdade uma opinião, um juízo de valor que impede à partida a possibilidade de constituir uma antropologia política como ciência rigorosa. O que de facto é enunciado é que as sociedades primitivas estão privadas de alguma coisa - O Estado - que lhes é, como para qualquer outra sociedade - a nossa, por exemplo - necessária. (Clastres, 1988, p.183)

O grande norte não é se tal nomenclatura é boa ou ruim, mas sim o peso que ela carrega, como evidenciado por Clastres. Seria como se faltasse algo aos povos que não formam uma nação: “Essas sociedades são, pois incompletas. Elas não são completamente verdadeiras sociedades - elas não são policiadas -, subsistem na experiência talvez dolorosa de

uma carência - carência do Estado - que elas tentariam, sempre em vão, preencher.” (CLASTRES,1988, p.183). Ao chamar o Tahuantinsuyu de Estado, ele é afastado de outros povos que não são “civilizados” o suficiente para a formação estatal. A terminologia coloca os incas em um padrão que é aceito pela contemporaneidade, dessa forma eles podem ser considerados algo sofisticados já que no século XVI conseguiram criar uma nação.

A nomenclatura vem justamente pelo fato de que coisas boas são associadas à civilização, como os gregos e os romanos, estando no mesmo nível desses povos. Tal juízo de valor enalteceria o Tahuantinsuyu aos olhos ocidentais e o adequaria a certas normas a serem seguidas. Devido aos seus traços tão característicos, é possível que o povo inca realmente não se encaixasse em definição alguma, por isso é indispensável a análise de certos termos empregados para defini-lo.

4. CONCLUSÃO

As transformações ocorridas no império Inca são marcantes. A sua formação, sua queda, sua metamorfose em colônia e a adaptação as novas “regras do jogo” são todos traços que ajudam a estabelecer o que realmente foi o império Inca.

A forma de adoração que existia previamente à colonização espanhola sofre modificações com a introdução de uma nova fé, há repressão dos ritos praticados anteriormente, o que afeta não apenas a religião desses povos mas também sua estrutura social.

O processo que levou à instauração de uma nova ordem, ou seja, de novos costumes como um novo soberano e outros hábitos sociais, levou muitos anos para se concretizar. A religião se modificou e essas mudanças se deram em sua grande maioria pela introdução do cristianismo na região por meio dos espanhóis.

As alterações que os Andes sofreram no quesito religioso não fizeram com que parte de sua cultura desaparecesse. Apesar do contato com os europeus, essas no entanto apenas se mesclam com elementos do cristianismo formando algo único. O hibridismo religioso que está presente nos Andes até os dias atuais é o que permite que elementos religiosos do povo Moche e do Tahuantinsuyu possam ser identificados.

Expressar que essas religiões acabaram é uma forma de esconder uma história que afeta milhões de pessoas e deixar de lado parte da cultura presente no Peru. Elas estão na comunidade e até os dias atuais fazem parte dessa região.

A conquista de outras regiões por parte dos incas levou a uma união territorial que não agradava a todas as sociedades que a compunham. Suas diferenças e a reciprocidade assimétrica faziam com que houvesse certa resistência a Cusco, o que fez com que certos povos ajudassem os europeus a derrotar o Tahuantinsuyu. A falta de união territorial pode ser sentida até nos dias atuais com certas dificuldades enfrentadas pelo governo peruano, para manter a região livre de conflitos.

Para catequizar esses grupos a coroa espanhola fez uma série de implementações para que o cristianismo se espalhasse e fosse aceito pelos nativos. Os contratempos linguísticos foram um grande dilema, pois era preciso utilizar palavras existentes na língua nativa ou até mesmo em alguns casos a criação de novas palavras, para assim haver a conversão.

A igreja católica buscava aumentar consideravelmente o número de fiéis para o catolicismo e a coroa espanhola esperava ficar espantosamente mais rica durante esse período. As dificuldades enfrentadas pelos membros da Igreja para a realizar essa tarefa mostra como os componentes do Tahuantinsuyu não podem ser facilmente apagados, considerando ainda sua presença atual.

A religião andina influenciava sua organização social, que por sua vez foi modificada com a chegada dos conquistadores, essa também passa por transformações para que possa sobreviver às mudanças implementadas pela coroa espanhola.

Ao analisar o Tahuantinsuyu e a construção de sociedade, ou seja, o poder e como este se manifesta no Andes, a sua individualidade é colocada em foco e a partir desse ponto uma série de críticas pode ser feita à historiografia, como a constante comparação com outros povos antigos como gregos e romanos, para desse modo legitimar os povos antigos da América Latina pré-colombiana.

Para abandonar as comparações com povos europeus é imperativo que essa analogia possa ser feita com outros povos de regiões mais próximas, pois apesar de cada um ter suas próprias peculiaridades, a aproximação com povos no mesmo território pode ser mais eficaz ao procurar-se entender a história da região.

A ideia de que os povos tendem a seguir uma linha até a civilização também é muito utilizada para compreender esses povos, uma crítica feita pelo próprio Clastres. Essas sociedades, apesar de terem modos de vida que são singulares não deve ser vistas como não civilizadas ou ainda como se estivessem no começo de uma trilha para subirem a escada da civilização.

Foucault, ao inverter a ideia de poder abre espaços para analisar esses povos de novos ângulos e é exatamente isso que Rostworowski faz ao pesquisar o Tahuantinsuyu, apesar de

nomeá-lo como Estado. Essa nomeação seria ela ruim? O que o trabalho propõem é fazer uma crítica ao fato de que ao usar essa nomenclatura, provoca-se um distanciamento entre povos “civilizados” e não civilizados.

Os índios do Brasil estão em constante sabotagem do Estado. Isso não faz deles mais ou menos civilizados do que qualquer outra sociedade, por isso a análise de Foucault de que o poder está nas pessoas e não no Estado é tão significativo, porque não é possível afirmar, em nenhum momento, que os indígenas no território brasileiro são desprovidos de poder.

O Poder faz parte das sociedades e não é a nomenclatura de Estado que o define. É interessante ressaltar que tanto Clastres, como Rostworowski e Foucault estão lidando de certa forma com temas semelhantes. Clastres observa o poder nos indígenas brasileiros, Rostworowski nos andes e Foucault o analisa por si só, tomando vários exemplos da sociedade francesa dos séculos XVII e XVIII, mas não se citam em momento algum, apesar de que foram contemporâneos.

A resposta para a pergunta “O que é o Tahuantinsuyu” pode não ter sido respondida de uma forma eficaz e sucinta em apenas algumas frases. Nem sempre os trabalhos acadêmicos geram respostas. Pelo contrário, muitas vezes geram mais perguntas. Entretanto ao estabelecer o que ele foi e o que não foi, torna-se possível ficar cada vez mais perto de uma resposta. Seria intrigante pesquisar quem foi a primeira pessoa a chamar o Tahuantinsuyu de Estado e por que e em que contexto isso aconteceu.

5. REFÊRENCIAS

AGNOLIN, Adone. Jesuítas e Selvagens: a negociação da fé no encontro catequético-ritual americano-tupi (séculos XVI-XVII), Editora Humanitas, 2007.

CLASTRES, Pierre. A sociedade Contra o Estado, Afrontamento/Porto, 1979.

DUVIOLS, Pierre. La destrucción de las Religiones Andinas, México, 1977.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder, Paz e Terra Rio de Janeiro/São Paulo, 2017.

GOLTE, Jürgen. Moche cosmologa y sociedad: una interpretación iconográfica, 2009.

ITIER, César. Viracocha O El Oceano, Instituto Francês de Estudos Andinos/ Instituto de Estudos Peruanos, Lima, 2013.

ROSTWOROWSKI, María. Estructuras Andinas del Poder Ideologia Religiosa, Instituto de Estudos Peruanos, Peru, 1983.

ROSTWOROWSKI, María. Costa Peruana Prehispánica, Instituto de Estudos Peruanos, Peru, 2014.

ROSTWOROWSKI, María. Historia del Tahuantinsuyu,, Instituto de Estudos Peruanos, Peru, 1988.

VEYNE, Paul. Pão e circo, Editora Unesp, 2015.